

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

ODHARA CAROLINE RODRIGUES

**#EleNão: um estudo do fracasso das manifestações feministas
contra a candidatura de Jair Bolsonaro a partir da linguística
cognitiva de Lakoff**

São Paulo

2019

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

**#EleNão: um estudo do fracasso das manifestações feministas
contra a candidatura de Jair Bolsonaro a partir da linguística
cognitiva de Lakoff**

Odhara Caroline Rodrigues

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do
título de Especialista em Mídia, Informação e
Cultura

Orientador: Prof. Dr. Anderson Vinícius Romanini

São Paulo

2019

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e à minha avó, pelo conjunto da obra.

À minha cachorrinha, pelo apoio sentimental.

Aos amigos que esta pós-graduação me trouxe.

Ao Prof. Dr. Romanini, pela orientação que começou bem antes deste artigo.

Ao Fernando Oliveira, pela ajuda de sempre.

A todos os meus amigos que entram na onda quando eu começo a falar de teorias.

Ao Bowie, por todas as músicas.

Ao Lakoff, pelos ensinamentos.

E a todos os mistérios do cérebro e da mente humana.

**#ELENÃO: UM ESTUDO DO FRACASSO DAS MANIFESTAÇÕES FEMINISTAS
CONTRA A CANDIDATURA DE JAIR BOLSONARO A PARTIR DA LINGUÍSTICA
COGNITIVA DE LAKOFF¹**

Odhara Caroline Rodrigues²

Resumo: Parte das mulheres brasileiras se uniram em prol de um objetivo durante a eleição de 2018: impedir que Jair Bolsonaro fosse alçado ao posto mais alto da República. Elas falharam. Em primeiro de janeiro de 2019, Jair Bolsonaro tomou posse como Presidente do Brasil. Como isso aconteceu? Este trabalho pretende seguir um dos fios do novelo emaranhado que compõe a resposta dessa pergunta: por que o movimento #elenão não conseguiu passar as suas mensagens para os eleitores brasileiros? Trazendo as teorias sobre o cérebro humano e a política do linguista cognitivo George Lakoff para a análise da comunicação realizada pelo movimento, o artigo busca entender como a visão dualística de razão versus emoção, herdada do iluminismo, e o desconhecimento sobre o funcionamento da cognição humana prejudicou o objetivo almejado pelas ativistas feministas que saíram às ruas do país contra a eleição de Bolsonaro. Além disso, também contextualizamos as eleições de 2018 sob dois outros aspectos: a misoginia do âmago da cultura judaico-cristã brasileira e a guerra cultural que o país atravessa.

Palavras chave: linguística cognitiva, guerras culturais, estudos de gênero, política, eleições 2018, #elenão

Abstract: Part of the Brazilian women joined forces during the 2018's election towards a goal: stopping Jair Bolsonaro of reaching the highest office of our Republic. They failed. How did this happen? This work intends to follow one of the tangly hank's threads that makes up the answer to this question: why the #elenão movement couldn't pass its message to the Brazilian electors? Bringing George Lakoff's theories about the human brain and the politics

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura

² Pós-graduando em Mídia Informação e Cultura

to analyze the movement's communication, the paper wants to understand how the dualist view of rationality versus emotions, inherited from the Enlightenment, harmed the target goal of the feminists who protested at the Brazilian streets against the election of Bolsonaro. Moreover, this work also contextualize the 2018 election from other two points of view: the misogyny within the judeo-christian Brazilian culture and the culture war that the country is going through.

Keywords: cognitive linguistics, culture war, gender studies, politics, 2018 elections, #elenão

Resumen: Parte de las mujeres brasileñas se unieron por un objetivo durante las elecciones de 2018: impedir que Jair Bolsonaro fuera alzado al puesto más alto de la República. Ellas fallaron. En primer de enero de 2019, Jair Bolsonaro asumió como presidente de Brasil. Como eso ha pasado? Este trabajo pretende seguir uno de los hilos del enmarañado que compone la respuesta de esta pregunta: por qué el movimiento #elenão no ha conseguido pasar sus mensajes para los electores brasileños? Trayendo las teorías sobre el cerebro humano y la política lingüística cognitiva George Lakoff para el análisis de la comunicación hecha por movimiento, el artículo busca comprender cómo la visión dualística de razón versus emoción, heredada del Iluminismo, y el desconocimiento sobre el funcionamiento de la cognición humana ha perjudicado el objetivo ansiado por las activistas feministas que salieron a las calles del país contra la elección de Bolsonaro. Además, también contextualizamos las elecciones de 2018 sob dos otros aspectos: la misoginia del meollo de la cultura judía-cristiana brasileña y la guerra cultural que el país atraviesa.

Palabras claves: lingüística, cognitiva, guerras culturais, estudos de gênero, política, eleições 2018, #elenão

INTRODUÇÃO

A minha principal lembrança do dia 29 de setembro de 2018 é que ameaçava chover em São Paulo. Eu me perguntava se o tempo inconstante da capital paulista ia atrapalhar o protesto, cujos planejamento e divulgação vinham agitando as minhas redes sociais³ há dias.

Não choveu.

Notícias posteriores à mobilização relatavam que, de acordo com seus organizadores, foram 500 mil pessoas reunidas (G1, 2018), marchando do Largo da Batata, em Pinheiros, até a Avenida Paulista. Elas estavam unidas, de uma maneira tão usual à segunda década do século XXI, em torno de uma *hashtag*: #elenão.

A São Paulo, se juntaram mais 113 cidades no Brasil — e 63 no exterior (CERIONI, 2018). Todas elas pedindo que qualquer candidato da corrida presidencial de 2018 recebesse a faixa, desde que não Jair Messias Bolsonaro, representante do Partido Social Liberal (PSL).

É geralmente difícil apontar com precisão o local de nascimento de movimentos iniciados na internet. Mas no caso desses protestos, a sua concepção se deu dentro de um grupo de Facebook intitulado “Mulheres Unidas Contra Bolsonaro”.

Ele foi criado por Ludmilla Teixeira, publicitária, e Rosa Lima, empresária. Desde o início, a proposta das duas era de usar o grupo para a organização de mobilizações de rua (LIMA, 2018). Em menos de duas semanas de criação, ele ultrapassou a marca de um milhão de mulheres participantes (o grupo não aceita homens).

Uma pesquisa divulgada pelo Datafolha na mesma época (mais precisamente, no dia 10 de setembro, dois dias antes do grupo cruzar a fatídica marca do um milhão) mostrava

³ Neste trabalho, as expressões “redes sociais” e “mídias sociais” serão usadas como sinônimos. Ainda que isto não seja tecnicamente correto, para os fins deste artigo não acreditamos que a escolha causará problemas de entendimento ao leitor.

Bolsonaro como o candidato mais rejeitado pela população (43% afirmavam não votar nele de jeito nenhum), especialmente pelas mulheres (grupo para quem o número subia para 49%).

Um mês e meio depois, no dia 28 de outubro de 2018, Jair Bolsonaro foi eleito como presidente do Brasil no segundo turno, com 55,13% dos votos (MAZUI, 2018).

Como isso aconteceu?

Este trabalho não pretende responder a essa pergunta, principalmente por entendê-la como extremamente capciosa. A eleição de Jair Bolsonaro se apoia em um emaranhado de questões políticas e históricas do nosso país, além de se firmar nas concepções morais dos brasileiros. Desembaraçar os fios que compõem essa trama será trabalho de anos e precisará de muitas mãos dispostas a colaborar com a empreitada.

Essa pesquisa se propõe a puxar uma das muitas pontas deste novelo e entender parte do papel que o movimento #EleNão desempenhou nas eleições presidenciais de 2018 por meio de uma análise das mensagens que foram comunicadas por ele, as suas recepções e as possíveis falhas na transmissão de suas ideias chave.

Usamos como base para tal os estudos do linguista cognitivo George Lakoff, principalmente as ideias apresentadas no livro “The Political Mind”.

CONTEXTUALIZAÇÃO

1. O candidato que não amava as mulheres

“Foram quatro homens. A quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher” (CARTA CAPITAL, 2018). Esta frase foi dita por Bolsonaro em 2017, em palestra no Clube Hebraica, Rio de Janeiro. Ele se referia aos seus filhos: quatro homens e uma mulher, a caçula Laura.

A julgar por essa declaração, Jair Bolsonaro já demonstra, no mínimo, a sua falta de apreço pelas mulheres. Se a sua própria filha é considerada uma “fraquejada”, o que podem esperar as cidadãs que o têm como presidente?

Se tomarmos por parâmetro a forma como ele tratava as suas colegas parlamentares, não podemos esperar respeito. Em 2003, ele disse à deputada Maria do Rosário (PT-RS) que não a estupraria por ela não “merecer” — no corredor da Câmara, diante de vários jornalistas. Em 2014, repetiu a afirmação — desta vez, na tribuna da Casa (CARTA CAPITAL, 2018).

Por esta fala, ele foi condenado a pagar uma indenização de 10 mil reais à parlamentar por danos morais e responde a processo no Supremo Tribunal Federal por apologia ao crime e injúria.

Jair Bolsonaro também não é um grande simpatizante dos direitos das mulheres. Ao Jornal Zero Hora, em 2014 ele deu a seguinte declaração (que agora nega, apesar de a entrevista ter sido gravada em áudio):

Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Isso nenhum deputado vai falar para você, porque você perde voto — já comecei agora a mostrar para você que não estou preocupado com voto. Pode escrever aí: quando o cara vai empregar, entre um homem e uma mulher jovem, o que que o empregador pensa? ‘Poxa, essa mulher aqui tá com aliança no dedo, não sei o quê, ela vai casar, é casada, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade, bonito para c*, para c*’. Quem que vai pagar a conta? É o empregador. No final, ele abate no INSS, mas ele fala o seguinte: quebrou o ritmo de trabalho. Quando ela voltar, vai ter mais um mês de férias. Então, no ano, ela vai trabalhar cinco meses. (...) Por isso que o cara paga menos para a mulher (...). (ZERO HORA, 2018)

Em 2013, o político mostrou-se, mais uma vez, contra as mulheres. Ele foi um dos 12 deputados (todos homens, diga-se de passagem) a assinar um Projeto de Lei que revoga o atendimento obrigatório às vítimas de estupro, alegando que este direito era, na verdade, para “preparar o cenário político e jurídico para a completa legalização do aborto no Brasil” (MEGALE, 2018).

Os posicionamentos de Jair Bolsonaro acima referidos são consonantes com as suas opiniões acerca dos direitos de outras minorias. Ele já proferiu desrespeitos contra quilombolas (CONGRESSO EM FOCO, 2017), mostrou-se a favor da violência contra homossexuais (EL PAÍS, 2018) em diversas ocasiões e colocou-se contra a demarcação de terras indígenas (G1 MT, 2015), além de dizer que vai acabar com o “coitadismo” de gays, mulheres e nordestinos (SENA, 2018).

As falas conservadoras do presidente eleito dão vazão aos anseios da maioria da população brasileira. Uma pesquisa Ibope mostra que, puxado pelos evangélicos, a população mais conservadora nacionalmente, posicionamentos conservadores cresceram em 2018. A rejeição ao casamento entre pessoas do mesmo sexo e a favorabilidade à pena de morte contemplam 50% dos brasileiros. A prisão perpétua para crimes hediondos é de 77% (DE TOLEDO, 2018).

CEO do Ibope Inteligência, Marcia Cavallari explica que as principais preocupações do brasileiro hoje são: desemprego, corrupção, saúde e segurança pública. Ela tem uma hipótese para explicar o crescimento do conservadorismo: “Além dessas preocupações, estamos passando por uma crise institucional que abarca a economia, a política, o social e a moral, por isso há um desejo da reconstrução dos valores. E esse desejo juntamente com o problema da segurança pública faz com que haja um conservadorismo maior da população, principalmente entre os mais escolarizados” (DE TOLEDO, 2018)

É crucial, aqui, fazermos uma relação entre o conservadorismo dos costumes dos brasileiros e a religião, dado que a “Bancada da Bíblia”, nome dado ao conjunto de deputados federais que têm como principal pauta a defesa da “família” e da “moral” faz parte da base que ajudou a eleger e hoje apoia Bolsonaro.

O Brasil é um país majoritariamente cristão. Entre evangélicos e católicos, essa população representa 86,8% do país (AZEVEDO, 2017) e o primeiro grupo puxa os índices de conservadorismo do país constantemente desde 2010 (DE TOLEDO, 2018). Mas a influência destas religiões se expandem para além dos seus devotos — a tradição cristã está na base da formação cultural (e, logo, de costumes) do nosso país.

E os dogmas cristãos, são, por excelência, misóginos.

No livro “A Brief History of Misogyny” (2006), Jack Holland procura as raízes históricas da misoginia. Dentre as mais fortes está, justamente, o cristianismo, que por sua vez herdou doutrinas sexistas de outras culturas: dos judeus, o Mito da Queda, em que a fraqueza de uma mulher, Eva, “é responsável por todo o sofrimento, a miséria e a morte subsequentes” (HOLLAND, 2006) e um senso profundo de pudor; de Platão, a filosofia dualista que separa corpo e alma e coloca a mulher no campo da imanência, por ser ela a responsável do encerramento da transcendência da alma em um corpo físico; e de Aristóteles as “provas científicas da inerente inferioridade da mulher” (HOLLAND, 2006). A isso, o cristianismo acrescentou o seu próprio princípio “de que Deus interviu na história pela pessoa de Jesus Cristo para salvar a humanidade da morte, do pecado e do sofrimento, os efeitos malévolos da queda do paraíso causada pelas mulheres” (HOLLAND, 2006).

De acordo com Holland (2006), o pudor característico da cultura hebraica se agarrou fortemente à sexualidade humana ao ser incorporada pelo cristianismo.

Enquanto a sua fé lutava para definir a si mesma, os cristãos acreditavam cada vez mais que a salvação só poderia ser alcançada rejeitando o sexo. Este sentimento se intensificou a níveis nunca antes vistos durante o século III. E ele foi acompanhado por uma misoginia radical de uma ferocidade sem precedentes. (HOLLAND, 2006, tradução da autora)

E quando os homens negam a sua sexualidade, o que eles negam é o seu próprio corpo — coerentemente com a visão dualista de Platão, que contrapõe corpo e alma, matéria e essência, acima mencionada. Holland (2006) chama atenção para um escrito de São Paulo, presente na Bíblia em Romanos 7:18-25, que diz:

Sei que nada de bom habita em mim, isto é, em minha carne. Porque tenho o desejo de fazer o que é bom, mas não consigo realizá-lo. Pois o que faço não é o bem que desejo, mas o mal que não quero fazer, esse eu continuo fazendo. Ora, se faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, mas o pecado que habita em mim. Assim, encontro esta lei que atua em mim: Quando quero fazer o bem, o mal está junto a mim. Pois, no íntimo do meu ser tenho prazer na lei de Deus; mas vejo outra lei atuando nos membros do meu corpo, guerreando contra a lei da minha mente, tornando-me prisioneiro da lei do pecado que atua em meus membros. Miserável homem eu que sou! Quem me libertará do corpo sujeito a esta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor! De modo que, com a mente, eu próprio sou escravo da lei de Deus; mas, com a carne, da lei do pecado. (Tradução da autora)

“Isso é uma declaração de guerra ao corpo humano”, diz Holland. “E quando um homem declara guerra a si mesmo, a primeira baixa é a mulher. Esta é uma guerra que ainda está sendo lutada”. Na busca cristã pelo paraíso, as mulheres são duplamente culpadas:

Tanto por ter sido a desobediência de Eva que levou à nossa expulsão do paraíso quando no sentido platônico — ela representa a vontade da carne de reproduzir a si mesma. Nós, portanto, somos carregados para longe de Deus em direção a uma vida temporal na qual (graças aos nossos corpos) estamos em um estado permanente de rebelião contra Ele. (...) e a nossa rebeldia se expressa mais diretamente por meio do desejo sexual. (HOLLAND, 2006, tradução da autora)

É desta guerra contra a sua própria natureza física que os cristãos tiram o sustento de sua querela contra as mulheres. O sexo torna-se um fardo, com a única finalidade da reprodução da espécie. O corpo das mulheres é a isca do pecado, a lembrança de tudo o que se quer negar — foi Tertuliano, um pensador das primeiras fases do cristianismo, que tirou as mulheres do púlpito por causa de seu poder de distrair os fiéis (HOLLAND, 2006).

Holland estava certo ao afirmar que a guerra contra a nossa existência física e, conseqüentemente, contra as mulheres, continua a ser lutada. E o Congresso brasileiro, com a “Bancada da Bíblia”, é um dos campos de batalha.

Zanatta et al. (2016) vincula diretamente “o retrocesso que vive o Brasil frente às pautas de igualdade de gênero, que impactam negativamente a formulação de políticas para a saúde da mulher, principalmente as que versam sobre direitos sexuais e reprodutivos” a “um longo processo intensificado com o avanço do conservadorismo religioso no governo”.

Ele aponta que as Jornadas de Junho, acontecidas em 2013,

tinham em seu bojo o simbolismo de um movimento popular por renovação política, avanços em relação às pautas sobre direitos sociais (transporte, saúde e educação), segurança pública e, também, a preocupação com a suposta "degradação da moral", somados a um desgaste das forças governamentais progressistas, geraram um ambiente propício para discursos e a ascensão de políticos conservadores. (ZANATTA et al, 2016)

Tivemos, então, no ano seguinte, a eleição de um congresso que foi

considerado o mais conservador do período pós-1964. A bancada religiosa, que une política e religião, e se opõe às reivindicações do movimento LGBTTT, ao combate à flexibilidade das leis sobre drogas e ao aborto, estabeleceu um recorde de representação na história da política brasileira ao ser composta por 78 representantes, sendo 75 deputados e três senadores, e ter conquistado a presidência da Câmara dos Deputados. (ZANATTA et al, 2016)

Os partidos conservadores fizeram parte do governo de Dilma Rousseff, eleita presidente em 2014, e continuaram ao lado do Palácio do Planalto quando ela sofreu um processo de impeachment e foi substituída pelo seu vice, Michel Temer, o qual deu ainda mais poderes a esse grupo para garantir o seu apoio durante a deposição de Rousseff (Zanatta et al. 2016).

Com tanto poder na mão, esses partidos colocam em xeque a laicidade do Estado. Afinal, quando um Ministro da Saúde afirma que a descriminalização do aborto, uma questão de saúde pública, precisa ser conversada com a Igreja (Zanatta et al. 2016), ele admite que dogmas religiosos interfiram em questões do Estado e submete a esses dogmas a vida de todas as cidadãs, independente de suas crenças religiosas, que são de cunho particular.

Os representantes de partidos que se denominam conservadores e de base religiosa, usando os argumentos em "defesa da família" patriarcal, branca e heterossexual, explicitam o desejo pela disseminação da misoginia, da homofobia e da intolerância à categoria de gênero. O conservadorismo político e o fundamentalismo religioso são desestabilizadores do sistema democrático que fundamenta a saúde coletiva e interfere em direitos civis e de cidadania. (Zanatta et al. 2016)

O presidente eleito Jair Bolsonaro não é um evangélico de longa tradição. Ele cresceu como católico e afirmava pouco ir à igreja. Aproximou-se da Bancada da Bíblia em 2011, com a polêmica do apelidado "Kit Gay", que visava combater a discriminação sexual nas escolas. A ferocidade com que ele opunha-se à proposta anti-homofobia do governo federal

trouxe holofotes para o deputado do baixo clero, que viu a defesa das pautas conservadoras lhe renderem bons frutos: ele foi o deputado carioca mais votado no pleito de 2014 (VIZEU, 2018).

Jair Bolsonaro se casou com a sua terceira esposa, Michele, em 2013, sob as bênçãos do pastor (e líder político da Bancada da Bíblia) Silas Malafaia.

2. O Brasil é uma guerra

O Brasil está vivendo uma guerra cultural (ORTELLADO et al, 2017). O termo é atribuído a James Hunter e se refere “ao processo pelo qual temas como o direito dos homossexuais, a legalização do aborto, o controle de armas e a legalização das drogas passaram a ganhar proeminência no debate político americano no final dos anos 1980, opondo ‘conservadores’ a ‘progressistas’”(ORTELLADO et al, 2017). Ainda de acordo com Hunter, o que diferenciaria os dois campos era a sua definição de autoridade moral; enquanto conservadores seguem uma “autoridade externa definida e transcendente”, os progressistas preferem uma autoridade moral racionalista, “caracterizada pelo espírito da era moderna” (ORTELLADO et al, 2017).

George Lakoff (apud ORTELLADO et al, 2017)) concorda com Hunter, mas define as concepções de autoridade moral de acordo com duas metáforas familiares:

Apoiado na teoria da centralidade das metáforas para a formação dos conceitos, ele notou que as guerras culturais se assentavam no confronto de duas metáforas familiares para a sociedade, isto é, os dois discursos olhavam para a sociedade como uma grande família: uma família com pai rigoroso e uma família com pai carinhoso – e, para cada visão da sociedade como família, esse pai metafórico imporia uma ordem moral. Assim, na perspectiva conservadora, teríamos uma ordem moral punitiva e disciplinar e, na progressista, uma ordem compreensiva. (LAKOFF apud ORTELLADO et al, 2017)

A este quadro, soma-se uma questão particular que vem comovendo os eleitores desde antes da eleição de 2014: a situação do Partido dos Trabalhadores. Denúncias de corrupção e insatisfação com a economia culminaram no impeachment da presidente Dilma Rousseff, em 2016. A saída da política, entretanto, não apaziguou a opinião pública quanto ao partido.

Durante pesquisa conduzida por Ortellado et al durante uma manifestação em apoio a Operação Lava Jato, em 25 de março de 2017, os presentes, que se consideram conservadores, aglutinam-se não por questões de políticas identitárias, como papel da religião, direitos da mulher e direitos LGBT, mas sim por apoio a

[um] discurso punitivo (82.6% apoiam o aumento de pena para punir criminosos, 84.6% apoiam a redução da maioria penal), [à] rejeição aos programas sociais e de redistribuição de renda característicos das gestões petistas (82.2% pensam que o programa Bolsa Família estimula as pessoas a não trabalhar, 75.2% pensam que as cotas não são uma boa medida) e, fundamentalmente, no antipetismo. (...) Para este grupo presente, que se define majoritariamente de direita e conservador, o discurso antipetista é o grande fator de coesão e identidade: 84.8% se definiram como muito antipetistas. (ORTELLADO et al, 2017)

Destacamos, ainda, outra característica dos manifestantes entrevistados na ocasião:

Por outro lado, também o discurso de negação da política tradicional e rejeição do partido político é amplamente aceito entre eles. Além do antipetismo, que aparece como maior fator de coerência, o discurso antipolítico, resumido no slogan “faxina geral”, está se transformando num importante fator de coesão para estes grupos. (ORTELLADO et al, 2017)

Traçamos o paralelo entre esse público e os eleitores de Jair Bolsonaro por ser exatamente nestes dois discursos que o atual presidente se apoiou — e continua apoiando, mesmo depois de já ter sido eleito. No dia 5 de janeiro de 2019, em uma rede social, Bolsonaro disse: “(...) o PT quebrou o Brasil de tanto roubar, deixou a violência tomar proporções de guerra, é uma verdadeira quadrilha e ninguém aguenta mais isso!” (iG, 2019).

Ele se posiciona, ainda, como um candidato “anti-sistema”, parte de um novo consenso da América Latina, de acordo com análise de Michael Shifter, presidente da ONG Diálogo Inter-americano e professor adjunto de estudos latino-americanos na Georgetown University’s School (MELLO, 2018). Mesmo com sua carreira de trinta anos na política (ele se elegeu vereador do Rio de Janeiro em 1988)(CALGARO e MAZUI, 2018), sua posição no baixo clero da Câmara e a oposição ao PT ao longo das presidências do partido (de quem Bolsonaro era aliado à época de Fernando Henrique Cardoso)(SHALDERS, 2017) garantiram a ele o status de “outsider” político, despertando até mesmo a desconfiança de uma agência classificação de risco à época da campanha (LIMA, 2018).

E foi assim que Bolsonaro se elegeu, mais do que por suas pautas conservadoras. 30% dos seus eleitores disseram (DATAFOLHA, 2018) que o voto no antigo capitão é motivado por um desejo de renovação e mudança. Outros 25% dizem que seu voto em Bolsonaro é contra o PT. As suas propostas punitivistas para área da segurança, como a flexibilização para a posse de armas e a diminuição da maioria penal, são mencionadas por 17% dos eleitores.

Os seus “valores familiares”, justamente os que tangenciam as críticas do movimento #elenão, foram determinantes para o voto de apenas 4% do seu eleitorado.

Com esse amplo panorama, podemos entender que, ainda que a principal crítica contra o candidato fosse a sua posição quanto a pautas identitárias, esta não era a principal preocupação dos eleitores de Bolsonaro, aqueles com quem o movimento #elenão buscava se comunicar.

Tendo o quadro político brasileiro que possibilitou a eleição de Bolsonaro em mãos, voltemo-nos, então, para o movimento #elenão.

#ELENÃO

O movimento #EleNÃO se encaixa em uma tradição de protestos de rua que teve a sua gênese brasileira com as Jornadas de Junho, em 2013.

Moreira e Santiago (2013) se utilizam da análise de Pinto sobre as manifestações ocorridas em Chile e Espanha em 2011 para refletir sobre os movimentos ocorridos no Brasil em 2013, apontando as semelhanças entre os movimentos:

Uma primeira característica foi a ausência das grandes organizações político-partidárias ou grandes movimentos sociais, o que diferencia de outros atos já ocorridos em outros momentos; a segunda é o uso da internet como forma de mobilização e chamamento para os momentos de protestos, transformando-se no principal instrumento de comunicação através das redes sociais ou das mensagens de celulares; a terceira novidade é a forte presença de jovens liderando as mobilizações, desconstruindo a visão de que a juventude é despolitizada e não participa da política; a quarta diz respeito à relação do movimento com os espaços públicos. A ocupação dos espaços públicos possibilita a construção de esferas públicas, transformando ruas e praças em lugares de discussão pública, influenciando a opinião pública. Ou seja, transforma os espaços públicos em verdadeiras arenas para a participação política. A quinta característica indica que os movimentos apresentaram uma capacidade agregadora de diferentes segmentos sociais, rompendo de certa forma com o corporativismo presente em mobilizações anteriores. (MOREIRA e SANTIAGO, 2013)

Esses cinco fatores que caracterizam as Jornadas de Junho também se adequam ao movimento #elenão.

Chamamos, aqui, atenção para o aspecto de ocupação do espaço público que o protesto do dia 29 de setembro teve. Em São Paulo, como já mencionado, a estimativa foi de meio milhão de participantes. No Rio de Janeiro, esta conta não foi feita. Entretanto, anexamos uma imagem que pode dar a dimensão do evento:



Vista aérea da Cinelândia, no Rio de Janeiro⁴

O volume de pessoas e a quantidade de cidades que tiveram protestos sob o mesmo movimento (114 no Brasil, 63 no exterior) (G1, 2018) faz com que o #elenão se enquadre perfeitamente na quarta categoria descrita por Pinto (apud MOREIRA e SANTIAGO, 2013): a ocupação de espaços públicos. A primeira e a terceira também cabem ao nosso objeto: nenhuma organização partidária ou movimento social conseguiu se apropriar da manifestação e as jovens dominaram as ruas. Assim como a quinta, sobre a capacidade agregadora de diferentes segmentos sociais: “policiais antifascistas” (LIPPOLD, 2018) se mobilizaram contra Jair Bolsonaro. A rejeição ao presidente uniu até inimigos históricos — palestinos e israelenses assinaram juntos uma nota de repúdio a ele (BORGES, 2018). Unicórnios, oompa loompas, postes, pombos osasquenses, pokémons, duendes e gente que não sabe flertar

⁴ TV Globo

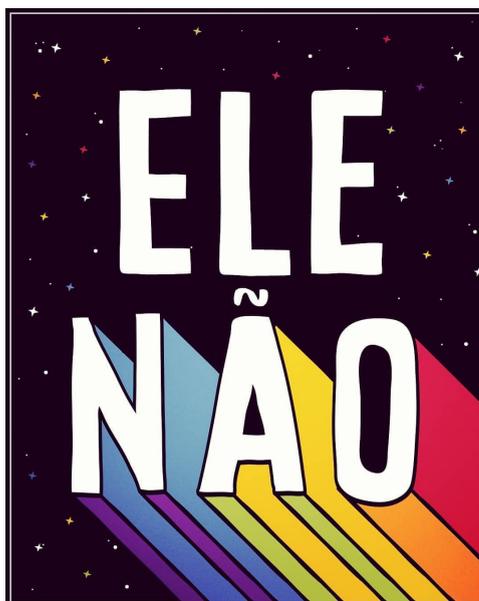
também: na semana anterior ao dia 29, eventos de tudo o que você possa imaginar contra Bolsonaro pululavam pelas timelines (CATRACA LIVRE, 2018).

E é aqui que nos deteremos: no uso da internet como forma de mobilização. Mais especificamente, na adoção de uma *hashtag* para aglutinar o movimento. “Os movimentos feministas descobriram o poder das *hashtags* em 2014”, escreveram de Hollanda e Castro (2018):

O uso inicial da hashtag estava associado à publicidade, que percebeu imediatamente seu potencial de organização e distribuição de conteúdo. Não é à toa que a hashtag, tão afeita às campanhas publicitárias, foi eleita como principal ferramenta política do feminismo. A própria noção de campanha traduz novas formas de ação política. Nascidas por geração espontânea e amplamente disseminadas, as manifestações organizadas a partir de hashtags muitas vezes acontecem sem formar coletivos, criar blogs ou sites, nem mesmo montar um perfil próprio nas redes sociais. Ao marcar uma diferença com movimentos políticos tradicionais, são flexíveis tanto do ponto de vista organizacional quanto político, pois atuam numa esfera muito particular da sociedade civil, uma esfera na qual o consenso não é necessário (DE HOLLANDA E CASTRO, 2018)

A *hashtag* #elenão foi bem sucedida em um aspecto crucial: a sua própria construção. Ela é simples e passa a sua mensagem de forma clara: qualquer um, menos Jair Bolsonaro — que, inclusive foi privado do próprio nome durante as manifestações: suas opositoras usavam variações do sobrenome do candidato, como Boloro, Bomoro, Biroliro, Bostonaro, Bozonaro, Bolsonazi, Coconaro, Bolsomônio e o já clássico “Coiso”.

Outro fator que ajudou na disseminação da hashtag #elenão foi a imagem que acabou por se tornar a “marca” do movimento:



Feita em um programa de edição de imagens simples pelo estudante Militão Queiroz (MOURA, 2018), a iconografia foi adotada pelos participantes do movimento e utilizada, inclusive, por adversários políticos de Bolsonaro e seus simpatizantes, como outros dois presidentiáveis, Ciro Gomes e Fernando Haddad:



“Vale insistir: se algum movimento se beneficiou da lógica descentralizada das redes, sem dúvida esse movimento foi a insurreição feminista”, afirmam de Hollanda e Castro (2018). É verdade. As redes levaram o movimento #elenão para muito além de seu “público alvo”, se é que podemos chamar assim as pessoas a quem o movimento se direcionava: os eleitores brasileiros. Madonna e Cher se manifestaram em suas contas pessoais sobre o

“ele não”, “ele jamais”, “ele nunca”, “ele não ele nunca”. Os termos que se relacionam a ele são: “homofobia”, “machismo”, “misoginia”, “violência”, “intolerância”. Todas essas expressões encontram ecos na trajetória de polêmicas do presidencialismo.

Pelo gráfico, também conseguimos ver a forma como o próprio movimento se enxergava: resistência e mulheres são dois termos que estão no primeiro círculo, de dentro para fora, do gráfico, representando as principais agentes do movimento e o que elas acreditavam estar fazendo. Os vocábulos associados aos dois termos são: “existência”, “luta”, “orgulho”, “ele não” (novamente), “Brasil sem fascismo”, “mulheres contra Bolsonaro”, “direitos”.

Gostaríamos de destacar, ainda, a presença do termo “ódio” no primeiro círculo interno. A ele, se relacionam as expressões: “os filhos dele também não” (que se refere a três dos filhos de Jair Bolsonaro, todos concorrentes a cargos públicos em 2018 — e todos eleitos), “fascismo”, “opressor”, “fascismo homens” e “amor”.

Antes de prosseguirmos, uma observação: os termos que não foram explicitados ao longo do texto referem-se, principalmente, a fatores mundanos do movimento. Por exemplo: o que “batata” está fazendo ali? É uma alusão ao Largo da Batata, local de concentração do movimento #elenão em São Paulo

Resumamos, então, a narrativa das redes sociais sobre o #elenão em um movimento de resistência orgulhosa feita pelas mulheres, no qual elas se opõem a um candidato machista, que odeia mulheres, intolerante, homofóbico, violento e fascista.

A LINGUÍSTICA COGNITIVA

As pessoas não existem como folhas em branco, prontas para as considerações de quem quer que esteja transmitindo a mensagem.

Stuart Hall (2003) defendeu a ideia de que a codificação necessária para a transmissão de uma mensagem e a decodificação desta dependendo de estruturas de sentido — as quais não necessariamente são simétricas.

Nitidamente, o que chamamos no diagrama [abaixo] de “estruturas de significado 1” e “estruturas de significado 2” podem não ser iguais. Elas não constituem uma “identidade imediata”. Os códigos de codificação e decodificação podem não ser perfeitamente simétricos. Os graus de simetria — ou seja, os graus de “compreensão” e “má-compreensão” na troca comunicativa — dependem dos graus de simetria/assimetria (relações de equivalência) estabelecidos entre as posições das “personificações” — codificador/produtor e decodificador/receptor. (HALL, pg 391)



(HALL, pg 391)

Reflete-se, então, sobre as assimetrias entre os produtores/codificadores e os decodificadores/receptores das mensagens trazidas pelo movimento #elenão. Os participantes da manifestação do dia 29 de setembro em São Paulo eram, em sua maioria, de classes econômicas altas, com ensino superior e de esquerda. O que levou essas pessoas para as ruas foram: “...os direitos humanos, com destaque para a questão das mulheres e a ameaça ao

processo democrático. A questão das privatizações e a xenofobia foram consideradas menos importantes” (ORTELLADO et al, 2018).

Pablo Ortellado, um dos pesquisadores responsáveis pela coleta de dados, comentou em uma rede social sobre o levantamento⁵:

Não costuma haver relação direta entre o perfil de quem mobiliza e de quem assume uma opinião. Os protestos contra o aumento, em junho de 2013, por exemplo, mobilizaram estudantes de esquerda, mas 55% da população, um universo muito mais heterogêneo, estava de acordo. Os protestos pedindo o impeachment mobilizaram praticamente apenas a classe média profissional, mas conseguiram o apoio de 68% dos brasileiros. Isso posto, a convicção de se ter uma opinião e de sair à rua para expressá-la são de intensidades diferentes e teria sido um sinal mais claro de sucesso se a manifestação tivesse atraído mais pessoas despolitizadas ou de direita. (ORTELLADO, 2018)

Seguindo a observação de Ortellado, poderíamos supor que estratos sociais que não estivessem nas ruas no dia 29 concordassem com as reivindicações postas. Mas as urnas mostraram o contrário — afinal, Bolsonaro foi eleito presidente com 55,13% dos votos. A mensagem de que tê-lo como presidente seria prejudicial para os cidadãos do país não conseguiu comover, pelo menos não o suficiente, 55,13% dos eleitores. Por quê?

A resposta dessa pergunta tem mais de um aspecto e certamente será muito discutida nos anos que estão por vir. Com este trabalho, queremos acrescentar ao debate uma análise feita com base nos estudos de George Lakoff, um dos fundadores da linguística cognitiva nos anos 1980.

A linguística cognitiva, de acordo com Chiavegatto (2009),

[Parte da] ideia de que as estruturas linguísticas não são rígidas, mas maleáveis, que se amoldam continuamente às necessidades localizadas de expressão e comunicação (...). [A] linguística cognitiva estabelece que a gramática não pode ser mais vista como um conjunto de regras que opera sobre categorias de palavras ou de sentenças, mas sim um conjunto de princípios gerais e processuais, que opera sobre bases de conhecimentos. A língua é então um instrumento que empregamos para expressar pensamentos e interagir em sociedade.

⁵ A análise está presente no seguinte link:
https://twitter.com/pablo_ortellado/status/1046764956325212160

Na obra *The Political Mind*, a qual trabalharemos neste artigo, Lakoff discorre sobre enquadramentos de situações por meio de metáforas e narrativas e a sua relação com o nosso pensamento subconsciente no viver político. De acordo com Lakoff (2008):

A maior parte da política se trata de narrativas culturais. Para candidatos, ela se trata das histórias que eles viveram e estão vivendo, das histórias que eles contam sobre eles mesmos, das histórias a que a oposição tenta atrelá-los e das histórias que a imprensa conta sobre eles. (Tradução da autora)

O movimento #elenão se apoiou em declarações do próprio Bolsonaro. Apresentou fatos e números — não apenas de seu posicionamento em relação às questões sociais, conforme já discutimos anteriormente, mas também de seu trabalho como congressista: em 26 anos como deputado federal, apenas dois de seus projetos propostos foram aprovados (LINDNER, 2017).

A nossa ideia de racionalismo, herdeira direta do iluminismo do século XVIII, concluiria que a divulgação destes fatos seriam suficientes. Não foi. Porque o cérebro humano não age de acordo com o racionalismo do século XVIII. De acordo com Lakoff, se essa linha teórica estivesse correta,

eleitores deveriam votar de acordo com os próprios interesses; eles deviam calcular quais políticas e programas são mais de seus interesses e votar em candidatos que advocam por essas políticas e programas. Mas eleitores não se comportam dessa forma. Eles votam contra os seus interesses mais óbvios; eles permitem que o viés, o preconceito e as emoções guiem suas decisões; eles argumentam enraivecidos sobre valores, prioridades e objetivos. Ou eles alcançam suas conclusões silenciosamente, independente dos próprios interesses, sem saber o porquê (LAKOFF, 2008, tradução da autora).

O porquê é que a razão iluminista que fomos ensinados a acreditar na nossa tradição positivista simplesmente não existe. A dicotomia entre razão e emoção, por exemplo, tão cara a essa visão de mundo, está completamente errada. Conforme citado por Lakoff, o neurocientista António Damásio demonstrou que a emoção é necessária para que possamos existir funcionalmente em sociedade. “Narrativas e enquadramentos”, explica Lakoff, “não são apenas estruturas cerebrais com conteúdo intelectual, mas sim com um conteúdo de intelecto e emoções integrados”, explica Lakoff.

De acordo com Damásio, no livro *O Erro de Descartes*:

(...) certos aspectos do processo da emoção e do sentimento são indispensáveis para a racionalidade. No que têm de melhor, os sentimentos encaminham-nos na direção correta, levam-nos para o lugar apropriado do espaço de tomada de decisão onde podemos tirar partido dos instrumentos da lógica. (...) [A] razão humana depende não de um único centro cerebral, mas de vários sistemas cerebrais que funcionam de forma concertada ao longo de muitos níveis de organização neuronal. Tanto as regiões cerebrais de “alto nível” como as de “baixo nível”, desde os córtices pré-frontais [responsável, dentre outros, pelo planejamento, pensamentos complexos e tomada de decisão] até o hipotálamo [liberação de hormônio dentre outros] e o tronco cerebral [responsável pelos movimentos, consciência, entre outros], cooperam umas com as outras na feitura da razão. (DAMÁSIO, 1994)

Outro equívoco da ideia de razão do iluminismo é a de que o nosso cérebro é um instrumento à nossa disposição. Esta ilusão se deve ao fato de podermos nos engajar com pensamentos conscientes — mas eles são apenas 2% dos nossos pensamentos. O nosso inconsciente cognitivo, como descrito por Lakoff (2008), é o responsável pelos outros 98% e corresponde a tudo o que o nosso cérebro faz que está abaixo da nossa linha de consciência. O linguista explica:

O pensamento inconsciente é reflexivo — automático, incontrolável. Pense no reflexo dos joelhos, o que a sua perna faz quando o médico bate nele. O pensamento consciente é reflectivo, como quando você olha a si mesmo no espelho. Se todo o pensamento fosse consciente e reflectivo, você conheceria a sua própria mente e estaria em controle das decisões que toma. Mas como nós não sabemos o que os nossos cérebros estão fazendo na maioria dos casos, a maior parte dos pensamentos é reflexivo, não reflectivo, e está além do nosso controle consciente. Como resultado, o seu cérebro toma decisões por você sem que você esteja conscientemente ciente delas. (LAKOFF, 2008, tradução da autora)

Queremos, aqui, chamar especial atenção para o aspecto inconsciente de nossos pensamentos. Ele é decisivo quando tratamos de linguagem e comunicação. “Se nós ouvirmos a mesma linguagem o tempo todo”, explica Lakoff (2008), “nós vamos, cada vez mais, pensar nos termos das metáforas e dos enquadramentos ativados por ela. E não importa se você está usando palavras negativas ou questionando-as, as mesmas metáforas e enquadramentos serão ativados e, então, fortalecidos”.

Mas do que exatamente se tratam os enquadramentos e metáforas de que tanto falamos aqui?

Enquadramentos são estruturas cognitivas estabelecidas por circuitos neurais que estruturam uma grande parte do nosso pensamento. Pense nos enquadramentos como uma espécie de esqueleto para histórias: você precisa de personagens e cenários. Conforme citado por Lakoff (2008), o sociólogo Erving Goffman descobriu que todas as instituições são estruturadas por enquadramentos. Lakoff dá o exemplo de um hospital, que tem médicos, enfermeiras, pacientes, etc. como personagens e cenários como uma operação, uma sala de exames, etc.

Também citado por Lakoff, o linguista Charles Fillmore “descobriu que todas as palavras são definidas de acordo com enquadramentos conceituais. Grupos de palavras relacionadas, os chamados campos semânticos, são definidas de acordo com o mesmo enquadramento” (FILLMORE apud LAKOFF, 2008). Por exemplo: sabonete, shampoo, condicionador, esponja, chuveiro. Todas as palavras estão no mesmo campo semântico e, conseqüentemente, em um mesmo enquadramento conceitual.

Nós estudamos metáforas na escola. Ela é uma das figuras de linguagem mais facilmente recordadas pelos estudantes, pois parece simples: nós a usamos quando queremos emprestar características de uma entidade a outra, estabelecendo uma relação de semelhança. O que nós não percebemos é que a metáfora não é apenas uma questão de linguagem. Nós a usamos nos pensamentos e nas ações: “O nosso sistema de conceitos”, explicam Lakoff e Johnsen (1980), “em termos dos quais nós pensamos e agimos, é fundamentalmente metafórico em sua natureza”.

Nós trazemos tanto enfoque para a importância da linguagem porque ela é governada pelo mesmo sistema de conceitos que as nossas ações e pensamentos e, portanto, “uma importância fonte de evidências de como o sistema é” (LAKOFF e JOHNSEN, 1980).

A maneira como falamos sobre algo é a mesma que usamos para pensar sobre ele e como agimos. Talvez seja difícil entender o que isso significa nestes termos abstratos. Vamos, então, usar o exemplo de Lakoff e Johnsen (1980): discussões são guerras.

Suas afirmações são *indefensáveis*.
Ele *atacou todos os pontos fracos* do meu argumento

As críticas dele *acertaram no alvo*
 (...)

Se você *usar essa estratégia*, ele vai te destruir.

Ele *abateu* todos os meus argumentos.

É importante ver que nós não apenas falamos sobre discussões em termos usados para falar sobre guerras. Nós podemos ganhar e perder discussões de fato. Nós vemos as pessoas discutindo com seus oponentes. Nós atacamos as posições deles e defendemos as nossas. (...) Ainda que não haja uma batalha física, há uma batalha verbal, e a estrutura de uma discussão — atacar, defender, contra-atacar, etc — reflete isso. É neste sentido que a metáfora discussões são guerras é uma pela qual nós vivemos nesta cultura; ela estrutura as ações que nós performamos ao discutir.

Tente imaginar uma cultura em que as discussões não são vistas nos mesmos termos que a guerra (...). Imagine uma cultura em que uma discussão é vista como uma dança, em que os participantes são vistos como artistas e o objetivo é realizá-la de uma maneira equilibrada e agradável esteticamente. Nesta cultura, as pessoas veriam as discussões de uma maneira diferente (...). Mas nós provavelmente não as veríamos nem mesmo como discussões. Eles estariam fazendo alguma coisa diferente (...). (LAKOFF e JOHNSEN, 1980, tradução da autora).

As metáforas e enquadramentos se tornam parte intrínseca de nossos pensamento, ação e linguagem. Mas nós não nascemos com elas. Elas são adquiridas de acordo com a nossa vivência em nossos próprios corpos e em nossas sociedades e, então, se tornam fisicamente gravadas no nosso cérebro. Quanto mais relacionamos duas coisas ou mais, mais elas se tornam ligadas. Lakoff dá o exemplo usando as metáforas de verticalidade e quantidade (quanto mais, mais alto) e outra que liga a temperatura à afeição (“ela me tratou friamente”):

Duas partes diferentes dos nossos cérebros — uma caracterizando verticalidade e outra, quantidade, ou uma caracterizando temperatura e outra, afeição — são ativadas juntas, dia após dias. A ativação se espalha por uma rede de neurônios entre estes dois centros cerebrais e eventualmente dois caminhos de ativação se encontram e formam um único circuito ligando essas duas áreas do cérebro. Como os neurocientistas dizem, “neurônios que se aquecem juntos, se conectam”. (LAKOFF, 2008, tradução da autora)

Justamente por elas existirem de forma tão arraigada no nosso próprio corpo, é difícil mudar os enquadramentos, metáforas e narrativas derivadas destas duas primeiras. O simples fato de reconhecermos “narrativas culturais e enquadramentos significa que eles estão fundamentados fisicamente nos nossos cérebros”(LAKOFF, 2008).

Não é por acaso que seres humanos são especialistas em evitar informações, principalmente por três razões: elas os fazem se sentirem mal, obrigam-nos a encarar ou fazer

coisas que eles não querem, ou ameaçam suas identidades, valores e visões de mundo. “De informações que podem salvar vidas passando por mudanças climáticas e violência em massa, pessoas evitam informações que as façam sentirem-se triste, temerosas, ou culpadas quando não há uma maneira de resolver essas coisas” (CHRISTIANO e NEIMAND, 2018).

Mas nada disso significa que cérebros (e pessoas, conseqüentemente) sejam impermeáveis às mensagens que recebem. A chave, de acordo com Lakoff, é a empatia. Graças a, sim, o nosso cérebro. Existe um circuito no nosso cérebro, chamado de circuito de neurônios espelhos, que é ativado quando nós agimos ou vemos uma pessoa agir. “Eles ficam ainda mais fortes quando nós coordenamos ações com outras pessoas — quando nós cooperamos” (LAKOFF, 2008). Nós conseguimos perceber o que as outras pessoas estão sentindo ao ler os seus corpos (a postura, por exemplo). Essa informação visual é coletada pelo circuito de neurônios espelhos, que está conectado com as regiões do nosso cérebro que processam emoções.

Nosso circuito de neurônios espelhos e ligações neurais associadas nos conectam tanto física quanto emocionalmente aos outros, permitindo que nós possamos sentir o que as outras pessoas sentem. Em outras palavras, eles fornecem a base biológica para a empatia, a cooperação e a comunidade. Nós nascemos para empatizar e cooperar. (LAKOFF, 2008)

ANÁLISE

Mas partir de uma intenção empática na comunicação não é o suficiente. Nós também precisamos partir de áreas de “valores comuns” (LAKOFF, 2008) entre nós e aqueles com quem queremos nos comunicar.

Primeiro, vamos nos aprofundar um pouco nas definições de Lakoff para progressistas e conservadores, mencionadas acima por meio das metáforas familiares. De acordo com o linguista, o pensamento progressista é baseado em empatia e responsabilidade, sendo que o governo tem a missão de proteger e empoderar os seus cidadãos. “Por trás de cada política progressista está um único valor moral: a empatia, junto com a responsabilidade e a força necessários para agir com empatia. Nunca se esqueça de ‘responsabilidade e força’, porque não há verdadeira empatia sem eles” (LAKOFF, 2008).

Já o pensamento conservador se baseia na moral de obediência a uma autoridade, que consideramos como inerentemente boa e que ela ainda “sabe diferenciar o certo do errado, deve nos proteger do mal que há no mundo, e tem tanto o direito quanto o dever de usar a força para impor obediência e combater o mal” (LAKOFF, 2008). O mercado tem um papel especial nesse tipo de pensamento:

o mercado é visto metaforicamente como uma instituição personificada que é uma autoridade legítima, toma decisões racionais (“deixe o mercado decidir”), impõe a disciplina de mercado, recompensa a disciplina e pune a falta dela. A prosperidade é vista como uma marca da disciplina, a qual, por sua vez, é vista como moral, sendo que ela é necessária para obedecer as leis morais e o que quer que seja a demanda daqueles em posição de autoridade. Pela lógica deste sistema de pensamento, se você não prospera, você não é disciplinado e, logo, não pode ser uma pessoa moral, então merece a sua pobreza. Se as pessoas recebem o que elas não fizeram por merecer, elas se tornam dependentes e perdem a disciplina e com ela a capacidade de obedecer às leis morais e à legítima autoridade. (LAKOFF, 2008, tradução da autora)

Esses dois modos de pensamento podem coexistir dentro do cérebro de alguém. Por exemplo: há quem respeite o mercado como uma autoridade legítima, mas reconhece que a prosperidade de alguém depende de outros fatores além de sua disciplina, cabendo ao governo uma interferência para que essa pessoa tenha uma vida digna.

A existência das visões conservadora e progressista simultaneamente em alguém deve-se ao que Lakoff chama de biconceptualismo.

Biconceptualismo é possibilitado pelo nosso cérebro. Primeiro, há a inibição mútua, a qual permite que existam modos de pensamento conflitantes, mas apenas um de cada vez. Segundo, há uma diferença entre modos de pensamento gerais e casos especiais. A ligação neural [nossa capacidade de integrar informações captadas por diferentes partes do cérebro em um mesmo conceito, por exemplo, ligando a forma e a cor no conceito de uma rosa vermelha] é o mecanismo que permite que apliquemos modos de pensamentos gerais a casos específicos, como, por exemplo, ter uma visão conservadora do sistema de saúde e uma progressista sobre o aquecimento global. (LAKOFF, 2008, tradução da autora)

Ao tentar argumentar sobre um assunto, a primeira coisa a ser feita é entender como ele está enquadrado para o nosso interlocutor. Vamos usar um exemplo prático do debate político atual: o material anti-homofobia que foi vetado em 2011. A oposição conservadora foi rápida no seu enquadramento: ao apelidar o material que seria distribuído para crianças a partir de 11 anos de “kit-gay” e afirmar que ele continha imagens de “crianças se acariciando e meninos se beijando” (CARTA EDUCAÇÃO, 2018), acabaria por despertar precocemente a sexualidade de crianças e ainda deixaria uma porta aberta para a pedofilia, ele desperta o medo dos pais. E deixa pouco espaço para a discussão da homofobia dentro das escolas, ainda um tabu dentro da sociedade brasileira, que era o viés que os defensores do material deveriam ter enquadrado ao entrar na discussão.

Aqui, estressamos um fato: nós não podemos ter medo de chamar as coisas pelos nomes que elas têm; não podemos ter medo de enquadrar os assuntos que acreditamos que devam ser discutidos. Acompanhe o raciocínio e o exemplo de Lakoff:

Por exemplo, enquanto eu escrevo [este livro], há três matérias de primeira página que parecem ser sobre coisas diferentes: os mercenários da Blackwater [exército contratado de uma empresa privada] mata civis no Iraque, o presidente veta a continuação do SCHIP (um programa de assistência médica gerenciado pelo governo para crianças) e a FDA [Foods and Drogas Administration, órgão federal americano responsável pela regulamentação destes mercados] não tem mais recursos para monitorar testes de segurança de comida e remédios. Mas todos são sobre a mesma questão: a política conservadora radical e a agenda econômica estão colocando os recursos públicos em mãos privadas, enquanto elimina a capacidade do governo de

proteger e empoderar o público. O público não tem um enquadramento conceitual para perceber que essas notícias se tratam do mesmo assunto e compreender o que isso significa, e com o stress causado pelo medo, a preocupação e as altas cargas de trabalho ele tem pouca capacidade de notar e criar estruturas neurais substanciais para compreender o que está acontecendo em centenas de áreas da vida. (LAKOFF, 2008, tradução da autora)

Fazer ligações entre os problemas é necessário em enquadramentos eficientes da realidade: ainda que sejam bons cartazes, frases como “você vai ver de quantas fraquejadas se faz uma revolução”⁶ não são bons argumentos. Entretanto, nós não podemos nos contentar com números e fatos para o enquadramento. Lembremo-nos do capítulo anterior: razão e emoção não são elementos separados e usar emoções é correto:

Na arena política, Drew Westen mostrou em *O Cérebro Político* que a emoção é tanto central quanto legítima na persuasão política (...). As emoções apropriadas são racionais. É racional ficar indignado com a tortura ou com a corrupção (...). Se a sua política fará pessoas felizes, então provocar a alegria e a esperança é racional. Se a terra está em perigo iminente, medo é racional. E se a Guerra do Iraque na verdade foi sobre petróleo — se todas aquelas pessoas morreram, foram mutiladas ou ficaram órfãs por causa de petróleo — então o nojo é racional. (LAKOFF, 2008, tradução da autora)

Além de usar as emoções apropriadas, Lakoff defende que as nossas visões de mundo devem ser trazidas para a discussão. Graças a inibição mútua, quando trazemos a nossa visão de mundo para a discussão a outra é automaticamente desativada — o que, por conseguinte, enfraquece os emolduramentos que se baseiam nela.

Os progressistas deveriam falar mais sobre a visão de mundo que eles têm — sobre empatia, responsabilidade e esperança — em vez de aceitar as molduras baseadas no medo e falar e pensar de acordo com elas. Ao invés de se mover para a direita e ativar a visão de mundo conservadora, fique com seu próprio universo moral e ative a visão progressista de mundo. (...) Quanto mais eles [os progressistas] conseguirem ativar empatia no público, mais apoio eles terão e pior será para os conservadores. Do mesmo jeito, quanto mais os conservadores conseguirem gerar medo no público, mais apoio eles conseguirão. (LAKOFF, 2008, tradução da autora)

⁶ Frase corrente nos cartazes das manifestações #elenão. Veja: <https://twitter.com/midianinja/status/1043283895318458368>

CONCLUSÃO

Na sua contextualização, este artigo pretendeu demonstrar que eleições são jogos com muitas forças atuantes, todas ao mesmo tempo. Conseguir desembaraçá-las para entender quais influências foram exercidas, e com qual intensidade, por cada uma delas, é trabalho hercúlo — que talvez nem mesmo possa ser feito com precisão e segurança.

O #elenão marcou as eleições presidenciais de 2018, mas não podemos afirmar que, mesmo que tivessem sido levadas a cabo todas as lições deixadas por Lakoff em seus estudos sobre política e cognição, o movimento teria conseguido, de fato, impactar o eleitor. As preocupações levadas às urnas são muitas e as prioridades dos eleitores são diferentes. Além disso, um outro simples motivo teria atrapalhado a missão a que se propuseram os cidadãos que saíram às ruas para protestar contra Jair Bolsonaro: o tempo.

Nós estamos falando de cérebros e cérebros, ainda que plásticos, não se modificam do dia para a noite. São cinco séculos de um país conservador, punitivista, meritocrático. O primeiro ato do movimento #elenão aconteceu cerca de um mês antes do segundo turno. Alguns milagres teriam sido necessários para que ele fosse bem sucedido.

Não obstante, defende-se veementemente a importância e a necessidade de os movimentos políticos progressistas atentarem-se para os ensinamentos da linguística cognitiva. Há muito, aquele campo perdera o contato com a população e não consegue mais se comunicar com ela. A esquerda encerra-se em copas dentro de seus círculos, de onde grita mensagens soberbas e permeada por termos ininteligíveis para quem diz querer comunicar-se.

O que Lakoff (e este trabalho) pretende corroborar é que uma comunicação efetiva deve ser feita com muito mais do que boas intenções — ela precisa apoiar-se em um verdadeiro entendimento sobre como nós nos fazemos animais comunicacionais.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Reinaldo. O IBGE e a religião — Cristãos são 86,8% do Brasil; católicos caem para 64,6%; evangélicos já são 22,2%. *Veja*, São Paulo, 18 fev. 2017. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-ibge-e-a-religiao-cristaos-sao-86-8-do-brasil-catolicos-caem-para-64-6-evangelicos-ja-sao-22-2/>>. Acesso em: 08 dez. 2018

BOLSONARO ATACA HADDAD e diz que “PT quebrou o Brasil de tanto roubar”. *iG Último Segundo*, São Paulo, 05 jan. 2019. Disponível em: <<https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2019-01-05/bolsonaro-ataca-haddad-twitter.html>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

BOLSONARO EM 25 FRASES polêmicas. *Carta Capital*, São Paulo, 26 out. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/bolsonaro-em-25-frases-polemicas>>. Acesso em: 08 dez. 2018

BORGES, Helena. Grupo de muçulmano e judeus se unem em nota de repúdio a Bolsonaro. *Revista Época*, São Paulo, 05 out. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/grupos-de-muculmanos-judeus-se-unem-em-nota-de-repudio-bolsonaro-23130093>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

CALGARO, Fernanda, MAZUI, Guilherme. De capitão a presidente: conheça a trajetória de Jair Bolsonaro. *G1*, Brasília, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/de-capitao-a-presidente-conheca-a-trajetoria-de-jair-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 10. jan. 2019.

CERIONI, Clara. Protesto contra Bolsonaro em SP une adversários sob o lema #elenão. *Exame*, São Paulo, 30 set. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/protesto-contrabolsonaro-em-sp-une-adversarios-em-defesa-da-democracia/>>. Acesso em: 08 dez. 2018

CHIAVEGATTO, Valeria Coelho. *Introdução à linguística cognitiva*. Rio de Janeiro: Matraca, v. 16, n. 24, jan./jul. 2009.

CHRISTIANO, Ann, NEIMAND, Annie. *The Science of What Makes People Care*. Palo Alto: *Stanford Social Innovation Review*, fall 2018. Disponível em: <https://ssir.org/articles/entry/the_science_of_what_makes_people_care>. Acesso em: 08 dez. 2018.

CONFIRA A ENTREVISTA DADA POR BOLSONARO em 2014, citada pelo candidato no *Jornal Nacional*. *Zero Hora*, Porto Alegre, 04 ago. 2018. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/politica/eleicoes/noticia/2018/08/confira-a-entrevista-dada-por-bolsonaro-em-2014>>

or-bolsonaro-em-2014-citada-pelo-candidato-no-jornal-nacional-cjkfdf5op00ns01muzcwifyo8.html>. Acesso em: 08 dez. 2018

COSTA, Cristiane, DE HOLLANDA, Heloísa Buarque. REDE, in: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque. Explosão Feminista. Primeira edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

DESEJO DE MUDANÇA e rejeição ao PT alavancam candidatura de Bolsonaro. Datafolha, São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/eleicoes/2018/10/1983550-desejo-de-mudanca-e-rejeicao-a-o-pt-alavancam-candidatura-de-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 08 dez. 2018

DE TOLEDO, José Roberto. O conservadorismo vai à faculdade. Piauí, Rio de Janeiro, 11 abr. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/grafico-conservadorismo/>>. Acesso em: 08 dez. 2018

EM CUIABÁ, Bolsonaro se diz contra terra para índios e cota para negros. G1 MT, Cuiabá, 13 nov. 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mato-grosso/noticia/2015/11/em-cuiaba-bolsonaro-se-diz-contra-terra-para-indios-e-cota-para-negros.html>>. Acesso em: 08 dez. 2018

GALLEGO, Esther Solano, ORTELLADO, Pablo, RIBEIRO, Marcio Moretto. Guerras culturais e populismo antipetista nas manifestações por apoio à Operação Lava Jato e contra a Reforma da Previdência. Em Debate, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 35-45, ago. 2017

HALL, Stuart. Codificação / Decodificação. In. HALL, Stuart. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HOLLAND, Jack. A Brief History of Misogyny: The World's Oldest Prejudice. Nova York: Carroll & Graf, 2006

LAKOFF, George, JOHNSON, Mark. Metaphors We Live By. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

LAKOFF, George. The Political Mind: Why You Can't Understand 21st-Century American Politics with an 18th-Century Brain. Nova York: Viking, 2008.

LELLIS, Leonardo. Com #EleNão, Roger Waters é xingado e aplaudido em show politizado. Veja, São Paulo, 10 out. 2018. Disponível em:

<<https://veja.abril.com.br/entretenimento/com-elenao-no-palco-roger-waters-e-vaiado-em-show-politizado/>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

LIMA, Flavia. Bolsonaro é risco maior que Haddad para agenda econômica, diz S&P. Folha de S. Paulo, São Paulo, 1º out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/10/bolsonaro-e-outsider-e-eleva-risco-relativo-a-agenda-economica-diz-sp.shtml>>. Acesso em: 10. jan. 2019.

LIMA, Isabel. “Mulheres unidas contra Bolsonaro” tem 1 milhão de membros no Facebook. Exame, São Paulo, 12 set. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/mulheres-unidas-contra-bolsonaro-tem-1-milhao-de-membros-no-facebook/>>. Acesso em: 08 dez. 2018

LINDNER, Julia. Bolsonaro aprova dois projetos em 26 anos de Congresso. Estado de S. Paulo, São Paulo, 23 jul. 2017. Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,bolsonaro-aprova-dois-projetos-em-26-anos-de-congresso,70001900653>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

LIPPOLD, Achim. Policiais antifascistas se mobilizam contra Jair Bolsonaro no Brasil. UOL, São Paulo, 05 out. 2018. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/rfi/2018/10/05/policiais-antifascistas-se-mobilizam-contra-jair-bolsonaro-no-brasil.htm>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

MAZUI, Guilherme. Jair Bolsonaro é eleito presidente e interrompe série de vitórias do PT. G1, Brasília, 28 out. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>>. Acesso em: 08 dez. 2018

MEGALE, Bela. Bolsonaro pediu fim da lei que garante atendimento a vítimas de estupro. Época, São Paulo, 12 out. 2018. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/bela-megale/bolsonaro-pediu-fim-da-lei-que-garante-atendimento-vitimas-de-estupro-23152056>>. Acesso em: 08 dez. 2018

MELLO, Patrícia Campos. Bolsonaro é parte do consenso antissistema na América Latina, diz analista americano. Folha de S. Paulo, São Paulo, 09 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/bolsonaro-e-parte-do-consenso-antissistema-na-america-latina-diz-analista-americano.shtml>> Acesso em: 10 jan. 2019.

MORETTO, Marcio, ORTELLADO, Pablo. Pesquisa sobre caracterização demográfica, identidade política, motivação e adesão a boatos na manifestação "Mulheres contra Bolsonaro". Grupo de Pesquisa em Políticas Públicas para o Acesso à Informação Escola de Artes, Ciências e Humanidades Universidade de São Paulo. Disponível em

<http://www.monitordigital.org/wp-content/uploads/Relatorio_EleNao.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

MOURA, Eduardo. Estudante do interior do Ceará vê sua criação viralizar como símbolo da campanha #EleNão. Folha de S. Paulo, São Paulo, 28 set. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/09/estudante-do-interior-do-ceara-ve-sua-criacao-viralizar-como-simbolo-da-campanha-elenao.shtml>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

O QUE BOLSONARO JÁ DISSE DE FATO sobre mulheres, negros e gays. El País, São Paulo, 06 out. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html>. Acesso em: 08 dez. 2018

OS EVENTOS DE FACEBOOK contra Bolsonaro mais engraçados já feitos. Catraca Livre, São Paulo, 26 set. 2018. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/entretenimento/os-eventos-do-facebook-contra-bolsonaro-mais-engracados-ja-feitos/>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

PROTESTOS CONTRA BOLSONARO ocorrem em 26 estados e DF; atos a favor, em 16. G1, São Paulo, 29 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contra-e-favor-de-bolsonaro.ghtml>>. Acesso em: 08 dez. 2018

SENA, Yala. Vamos acabar com coitadismo de nordestino, de gay, de negro e de mulher, diz Bolsonaro. Folha de S. Paulo, São Paulo, 23 out. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/vamos-acabar-com-coitadismo-de-nordestino-de-gay-de-negro-e-de-mulher-diz-bolsonaro.shtml>>. Acesso em: 08 dez. 2018

SHALDERS, André. Como o discurso de Bolsonaro mudou ao longo de 27 anos na Câmara? BBC, São Paulo, 07 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-42231485>>. Acesso em: 10. jan. 2019.

VIZEU, Rodrigo. Jair Bolsonaro, o presidente eleito. Folha de S. Paulo, São Paulo, 30 out. 2018. Presidente da Semana. 70 min. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/podcast-presidente-da-semana-counta-a-historia-de-jair-bolsonaro-ouca.shtml>>. Acesso: 01 fev. 2019.

WARKEN, Júlia. Madonna e outros famosos internacionais se manifestam contra Bolsonaro. M de Mulher, São Paulo, 29 set. 2018. Disponível em: <<https://mdemulher.abril.com.br/famosos-e-tv/madonna-e-outros-famosos-internacionais-se-manifestam-contra-bolsonaro/>>. Acesso em: 08 dez. 2018.

ZANATTA, Luiz Fabiano et al . Igualdade de gênero: por que o Brasil vive retrocessos?.Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 32, n. 8, e00089616, 2016.